

## Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues  
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani  
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi  
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna  
Prof. Dr. Carlos Bauer  
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha  
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista  
Prof. Dr. Fábio Régio Bento  
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes  
Profa. Dra. Magali Rosa de Sant'Anna  
Prof. Dr. Marco Morel  
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira  
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins  
Prof. Dr. Romualdo Dias  
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus  
Profa. Dra. Thelma Lessa  
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2016 Cristiane Coppe; Mirian Maria Andrade; Odaléa Aparecida Viana; Vlademir Marim (Orgs.)  
Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

C7933 Coppe, Cristiane; Andrade, Mirian Maria; Viana, Odaléa Aparecida; Marim, Vlademir.

Malba Tahan e a revista Al-Karismi (1946-1951): diálogos e possibilidades/Cristiane Coppe; Mirian Maria Andrade; Odaléa Aparecida Viana; Vlademir Marim (Orgs.). Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

244 p. Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-462-0329-1


1. Malba Tahan 2. Revista Al-Karismi 3. Matemática 4. Literatura oriental I. Coppe, Cristiane; Andrade, Mirian Maria; Viana, Odaléa Aparecida; Marim, Vlademir

CDD: 370

### Índices para catálogo sistemático:

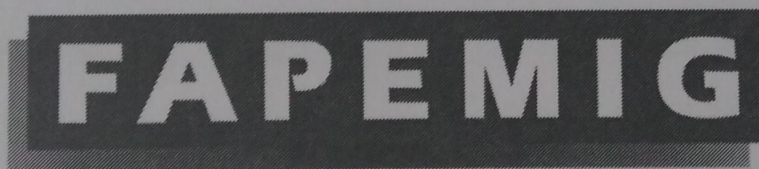
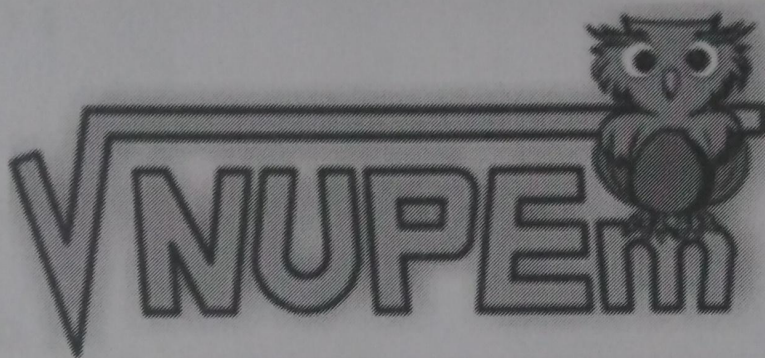
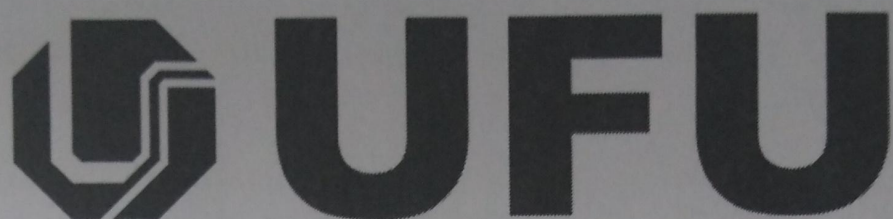
Didática – métodos de ensino, instrução e estudo	371.5
Matemática	372.7

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
Foi feito Depósito Legal

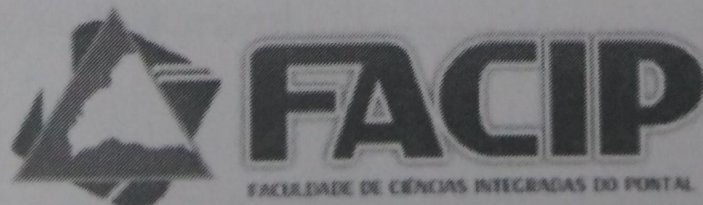
PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658  
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21  
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100  
11 4521-6315 | 2449-0740  
contato@editorialpaco.com.br

## Agradecimentos



Fundação de Amparo à Pesquisa do  
Estado de Minas Gerais



## Sumário

Apresentação.....9

Prefácio.....11

### **CAPÍTULO 1**

*Pedro Paulo Salles*

*Andre Pereira Neto*

Julio Cesar & Malba Tahan: criador e criatura.....17

### **CAPÍTULO 2**

*Augusto Cesar Aguiar Pimentel*

Praça da Matemática, Malba Tahan e a história da educação  
matemática.....59

### **CAPÍTULO 3**

*Mirian Maria Andrade*

A hermenêutica de profundidade como uma possibilidade de  
análise da revista Al-Karismi.....77

### **CAPÍTULO 4**

*Cristiane Coppe*

A mitocrítica de Durand como possibilidade para uma  
interpretação da revista Al-Karismi.....95

### **CAPÍTULO 5**

*Odaléa Aparecida Viana*

*Juliane Azevedo Miranda*

“Quadrado não é losango?”: Uma análise da argumentação  
apresentada na revista Al-Karismi.....115

## **CAPÍTULO 6**

*Vlademir Marim  
Carlos A Rezende Filho*

Revista Al-Karismi: Concepções em relação à formação do professor de matemática.....143

## **CAPÍTULO 7**

*Heinrich da Solidade Santos  
Jéssica Cristina Silva Vieira*

Uma aventura na história da matemática.....165

## **CAPÍTULO 8**

*Neiva de Castro Cardoso Andraus*

A revista Al-Karismi e resolução de problema: um diálogo pedagógico.....185

## **CAPÍTULO 9**

*Leonardo Silva Costa*

Traços do discurso de Malba Tahan: uma proposta interdisciplinar na educação básica.....211

Sobre os autores.....239

# CAPÍTULO 1

## **Julio Cesar & Malba Tahan: criador e criatura**

*Pedro Paulo Salles (ECA – USP – sobrinho-neto de Malba Tahan)*

*Andre Pereira Neto (ENSP – FIOCRUZ – neto de Malba Tahan)*

### **1. Julio, em Queluz**

Julio Cesar (6/5/1895) nasceu no Rio de Janeiro, mas passou sua infância na cidade de Queluz, às margens do Rio Paraíba. Seus pais eram João de Deus de Mello e Souza (08/03/1863 – 09/03/1911) e Carolina Carlos de Toledo (04/11/1866 – 01/06/1925), conhecidos em Queluz como professor Joãozinho e Dona Sinhá.

Joãozinho nasceu no Rio de Janeiro, mas resolveu fundar naquela cidade do interior do Estado de São Paulo um pequeno colégio interno para meninos, filhos de fazendeiros, conhecido por Colégio João de Deus. Anos depois, com a abolição da escravatura e o declínio econômico das fazendas de café do Vale do Paraíba no início do século XX, esse colégio privado, fundado pelo pai de Julio Cesar, teve de fechar suas portas.

**Figuras 1: João de Deus (Joãozinho)**



**Figura 2: Carolina Carlos (Dona Sinhá)**



Fonte: Acervo da família.

Já Dona Sinhá, vinda de Silveiras, cidade próxima de Queluz, tornou-se professora primária aos 17 anos, assumindo a regência da escola provincial de Queluz para meninas. As aulas aconteciam na sala de sua própria casa, onde se reuniam todas as classes do primário. Foi nesse ambiente caseiro e ao mesmo tempo educacional que Julio obteve sua formação primária. Ele ajudava sua mãe nas atividades didáticas, apagando a lousa, distribuindo cadernos e contando histórias para as crianças menores. Deste modo, a prática docente e a literatura estiveram presentes em sua vida desde os tempos de criança.

**Figura 3: Dona Sinhá com seu grupo de alunas primárias da Escola Provincial de Queluz**



Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp.

Julio teve oito irmãos. Quatro mais velhos e quatro mais novos do que ele. Os mais velhos chamavam-se Maria Antonieta (1885-1952), João Batista (1888-1969), Laura (1889-1940) e Julieta (1893-1981). Os mais novos chamavam-se Nelson (1898-1948), Rubens (1900-1924), Olga (1902-1973) e José Carlos (1905-1990), o caçula. No depoimento feito ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio

de Janeiro, em 1973, brincou com fato de ser o quinto de nove irmãos, dizendo: “Eu sou o do meio, pois no meio está a virtude”. Isto seria, em suas palavras (e nas de Aristóteles), um sinal de equilíbrio. Suas piadas refletiam, além do humor, a cultura adquirida em leituras.

**Figura 4: Os nove irmãos, em torno da década de vinte**



Fonte: Acervo da família.

Acima – Julieta, Laura, Maria Antonieta e Olga (ca.1917).

Abaixo – José Carlos, Rubens, Nelson, Julio e João Batista (ca.1922).

A família Mello e Souza era, portanto, numerosa. Naquela época, as dificuldades financeiras para mantê-la não eram pequenas. Por essa razão, Julio levava uma vida simples e não tinha brinquedos: divertia-se com objetos que transformava em brinquedos e com... sapos (!), que encontrava nas margens do rio Paraíba, nos



fundos de sua casa. Ao vê-lo brincando com sapos e, mais do que isso, comandando-os pela casa a dentro, sua mãe sugeriu que ele levasse sua tropa de anfíbios para a horta, a fim de que comessem os insetos que a danificavam. Para alegria de Dona Sinhá, os sapos saíram da casa e sua horta prosperou; a horta era a “farmácia” do bairro, e todos vinham pedir um raminho disso, um chazinho daquilo, buscando tratamento para as mais variadas mazelas. Retribuíam com patos, galinhas, ovos e outros presentes, conforme narra seu irmão João Batista no livro *Meninos de Queluz* (1949, p. 56-57) e relatos pessoais de sua irmã Julieta. A coleção de sapos também prosperou, chegando ao número colossal de cinquenta animais, que eram domesticados por ele e recebiam nomes próprios e títulos: Monsenhor, Ilustríssimo Senhor e assim por diante.

Com esforço e com muito estudo (e com a ajuda de seu irmão mais velho, João Batista), Julio conseguiu ser aprovado como interno do Colégio Militar e depois do Colégio Pedro II na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República.

Em uma de suas visitas à família em Queluz, constatou que alguém havia jogado fora sua coleção de sapos. Ele denominou esta atitude de “sapotagem”. Essa expressão em trocadilho revela seu lado criativo e divertido em lidar com as palavras e com as dificuldades da vida. Na idade adulta colecionou sapos de louça, madeira, ferro, jade e cristal, que adquiria em suas viagens ou que eram oferecidos por amigos e admiradores, buscando reviver sua infância em Queluz<sup>1</sup>, marcada por alegrias e também por privações.

---

1. Os anos de infância em família em Queluz foram descritos por seu irmão João Batista de Mello e Souza no livro *Meninos de Queluz* (1947), que recebeu o Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras, em 1948.

### Figura 5: Malba Tahan e parte de sua coleção de sapos



Fonte: Acervo da família.

## 2. Julio, no Rio de Janeiro

Com 11 anos de idade Julio mudou-se para o Rio de Janeiro, passando a residir como estudante interno no Colégio Militar (1906), onde permaneceu por três anos. Para ser aprovado no concurso de seleção (então chamado *admissão*), Julio teve aulas particulares com seu irmão João Batista, sete anos mais velho que ele.

O pendor pela vida literária e o interesse pela mistificação literária apareceram cedo naquela criança do interior. Com apenas 11 anos, Julio produziu sua primeira obra literária: a revista *ERRE!* Nela, exercia as funções de diretor, redator e ilustrador. Trata-se de um engenhoso caderninho, com folhas dobradas e costuradas à mão, escrito com caneta tinteiro e ilustrado pelo próprio autor com desenhos à mão livre, feitos com nanquim e coloridos com lápis de cor e aquarela. As histórias encontram-se organizadas em capítulos que privilegiavam o suspense, a guerra, a comédia ou ainda a ciência dos animais e do corpo humano. Foi nela, em uma edição de 1908, que Julio inventou seu primeiro pseudônimo: Salomão IV

(ver fig. 7). A revista *ERRE* – produzida sempre nos períodos de férias que passava com a família em Queluz – teve diversas edições e foi “publicada” de janeiro de 1907 a novembro de 1908, havendo hoje 25 exemplares preservados em seu acervo, no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp.

**Figuras 6 e 7: Julio adolescente, ao lado de uma edição da Revista *ERRE* (nº15, de 1908), que exhibe o pseudônimo Salomão IV**



Fonte: Acervo do CM-FE/UNICAMP.

Em 1909, Julio transferiu-se para o Colégio Pedro II, em São Cristóvão, onde conseguiu obter semigratuidade como aluno interno. Naquela época, o Colégio Militar era pago. Por esta razão ele deixou de estudar lá. Seus pais não tinham condições de custear os estudos de todos os nove filhos.

Um estudante interno, naquela época, era um aluno que morava no colégio durante a semana e ia para casa apenas nos finais de semana. Embora os pais de Julio não tivessem condições financeiras de patrocinar sua viagem todos os finais de semana para Que-luz, ele recebia um dinheirinho para passar estes períodos na casa de sua tia Pequetita (Lydia Francisca, irmã de João de Deus), no bairro Riachuelo, o suficiente para tomar os dois bondes da ida e os dois da volta. Mas preferia fazer uma parte do percurso a pé, a fim de economizar no bonde e poder comprar, uma vez por mês, um tablete de chocolate Bhering, seu predileto. A passagem de bonde custava 1 tostão<sup>2</sup>. Quando o dinheiro não dava para o percurso de bonde (ou quando gastava além da conta), Julio passava alguns finais de semana praticamente sozinho no colégio.

Numa dessas noites, Julio – então com o apelido de “Capote” – e seu colega chamado de “Cearense” foram acordados pelo diretor às 3 da madrugada. A princípio assustados com a atitude alarmante do diretor Augusto Daniel de Araujo Lima, e temendo ser algum tipo de repreensão disciplinar, acabaram descobrindo que aquele homem havia saído de sua casa no meio da noite só para mostrar, aos dois únicos alunos que permaneciam internos naquele final de semana, a passagem do cometa Halley nos céus do Rio de Janeiro. Era o dia 18 de maio de 1910. A passagem do cometa assumiu um caráter particular em sua memória. Julio se revelou eternamente agradecido por esse gesto, um gesto de pai para filho, sendo que ele, um ano depois, perderia seu pai. A gratidão e o reconhecimento levaram Julio a escrever o livro *Acordaram-me de Madrugada* (1973), um dos últimos que publicou em vida, no qual conta suas lembranças dos tempos em que fora interno no Colégio Pedro II, entremeadas de informações sobre cometas<sup>3</sup>.

---

2. 1 tostão era uma moeda de 100 réis. Em termos proporcionais (e sem contar a inflação etc.), seria o equivalente aproximado a 10 centavos.

3. Esta passagem de sua vida também foi relatada em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som (1973).

**Figura 8: Julio (como Mello e Souza) e sua turma do Colégio Pedro II**



Fonte: Acervo do CM-FE/UNICAMP.

Outra lembrança que tinha desse mesmo período – presente nos relatos pessoais de sua irmã Julieta, de sua sobrinha-neta, a poetisa Ruth Sylvia de Miranda Salles, e no depoimento que deu ao MIS em 1973 – refere-se às aulas do professor de Português José Julio da Silva Ramos, membro da Academia Brasileira de Letras. Ele passava temas abstratos para os alunos fazerem redações (como “A Virtude”, “A Esperança”, “A Injustiça” etc.), e os alunos que não faziam recebiam zero. Esta nota impedia que o aluno voltasse para casa no final de semana. Como escrevia muito bem, Julio conseguia tirar as notas mais altas desse professor, que nunca dava mais do que 6 ou, mais raramente, 7. Certo dia consentiu que um de seus colegas usasse uma redação sua sobre *Esperança* (que havia descartado a fim de reescrevê-la), e para surpresa geral o menino tirou nota 8! Ao se darem conta desse “milagre”, seus colegas passaram a comprar suas redações. Ele cobrava por elas entre 200 e 400 réis. Assim, Julio passou a escrever várias “esperanças”, “virtudes”, “injustiças” e assim por diante.

O negócio prosperou quando Julio desconfiou de que o professor era apaixonado por uma tal Carolina Michaelis (na verdade, uma filóloga teuto-portuguesa)<sup>4</sup>, que ele gostava de citar em suas aulas. Em uma entrevista ao musicólogo e jornalista Adhemar Nóbrega (1946, p. 10), Julio esclarece:

[...] talvez graças à malícia própria da nossa idade, pensávamos que Carolina Michaelis fosse uma dona qualquer, moradora nas imediações do colégio, e a quem o professor dedicasse interesse extra-professoral... Bem, você entende o que é que nós pensávamos.

Movido por essa suspeita, Julio citou-a em uma de suas redações e recebeu nota 10! Vendo aquilo, sem demora seus colegas vieram solicitar redações “*com Carolina Michaelis*”. Em resposta a essa nova demanda no mercado de redações, o menino Julio lhes respondeu categórico: “Duzentos réis é *sem Carolina*; *com Carolina*, seiscentos réis!” Enquanto alguns felizardos puderam desembolsar os 600 réis, outros, mais econômicos, diziam conformados: “Hoje vai *sem Carolina mesmo*”<sup>5</sup>.

E foi assim que aquele adolescente com cerca de 15 anos de idade pôde comprar seus tabletes de chocolate Bhering, distribuir alguns pelos colegas e ainda tomar os dois bondes para pernoitar em sua tia, sem andar um estirão a pé.

Este caso ilustra as privações econômicas que sofreu durante a juventude, a sua capacidade na escrita, sua determinação e sua engenhosidade.

Em outubro de 1912, o *mercador de esperanças* conseguiu seu primeiro trabalho formal: foi nomeado, pelo Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, Auxiliar da Biblioteca Nacional. No ano seguinte, iniciava o curso superior de Engenharia na antiga Escola

4. Carolina W. Michaelis de Vasconcelos (1851-1925) foi a primeira mulher a lecionar em uma universidade portuguesa, a Universidade de Coimbra.

5. Seiscentos réis seria o equivalente proporcional a sessenta centavos de hoje, aproximadamente.

Politécnica, da Universidade do Brasil. Alguns anos depois, passou a trabalhar como contínuo – *office boy* – no jornal *O Imparcial*.

### 3. Julio, em família

Em 1914 sua família mudou-se para o Rio de Janeiro devido à morte de seu pai em 1911, assim, Dona Sinhá poderia acompanhar os estudos de seus filhos menores. Na oportunidade, ela fundou um externato em Copacabana (Colégio São Paulo), para prover a subsistência de seus filhos. Lá, Julio Cesar e seus irmãos trabalhavam como professores, e, por necessidade econômica, todos moravam no porão da casa do Colégio, que era amplo e habitável. Com a morte de Dona Sinhá em 1925, a escola foi assumida por suas filhas Laura e Julieta, que depois criaram o Colégio Mello e Souza. Por este, passaram alunos de origem humilde e de classe média, tendo entre seus expoentes os compositores Antonio Carlos Jobim e Roberto Menescal, as cantoras Nara Leão e Nana Caymmi, o ator Claudio Corrêa e Castro e os cineastas Antonio Carlos da Fontoura e Joaquim Pedro de Andrade.

**Figura 9: O Colégio Mello e Souza, do ponto de vista da Pça. Gen. Osório, em Ipanema**



Fonte: Acervo da família.

Enquanto estudava no curso superior de Engenharia Civil e dava aulas na escola de sua mãe, Julio Cesar era aluno do curso noturno da Escola Normal do Distrito Federal, depois chamada Instituto de Educação. Sua opção pelo ensino de matemática foi apresentada da seguinte maneira na entrevista ao Museu de Imagem e do Som (1973):

Quando saí do Instituto de Educação resolvi ensinar História, mas não gostei: Tem que ler livros, revistas... é muito difícil. Depois passei a ensinar Geografia. Também não gostei: a gente tem que estar a par de uns países que ficam independentes, que viram repúblicas. Pensei assim: Melhor não ensinar Geografia. Comecei a ensinar Física: mas Física tem laboratórios, é muito trabalhoso. Sabe de uma coisa: Melhor mesmo é ensinar Matemática. Por que matemática é essa coisa, no ramerame, não varia. Passei a ser professor de Matemática assim.

Essa declaração pode ser entendida também como expressão de seu humor costumeiro, pois ele mesmo transformava constantemente o conceito de Matemática e, principalmente, a maneira de ensiná-la.

Em 1921, Julio Cesar assumiu, na Escola Normal do Distrito Federal, o cargo de Professor Substituto do docente Euclides Roxo, que havia inovado o ensino da matemática e de quem havia sido aluno. Dois anos depois, tornou-se professor dessa instituição por concurso público, onde lecionou durante 40 anos e se tornou Professor Catedrático. Foi na Escola Normal que conheceu Nair Marques da Costa, então sua aluna, com quem se casou alguns anos depois, em 26 de março de 1925.

Assim que se casou, Julio foi morar na casa onde residia sua mãe e seus irmãos (José Carlos, Nelson e Rubens), na Rua Almirante Gonçalves, em Copacabana. A casa tinha um andar só, três quartos, um banheiro que dava para a cozinha e um porão. Lá nasceram e cresceram os três filhos do casal: Rubens Sergio (1928), Sonia Maria (1929) e Ivan Gil (1934).



José Milliet, 12 anos mais velho que Julio, casado com a irmã mais velha do escritor – Antonieta – aconselhou os cunhados a comprarem um terreno em Ipanema, que na época era um grande areal. Os irmãos seguiram seus conselhos: cada um comprou seu terreno e construiu sua casa. Julio Cesar comprou o terreno, mas não conseguiu construir sua casa. No início da década de 1940, com a valorização de Ipanema, o terreno foi vendido. Com esse dinheiro, Julio e Nair compraram uma casa em um bairro ainda mais distante e inabitado: a Gávea – Rua Artur Araripe, 43. Naquela época, a rua era de terra, não tinha saída, nem iluminação pública ou gás encanado. A casa tinha dois andares e nos fundos havia um quintal com frondosas mangueiras. Eram comuns as festas com parentes, amigos e alunos, com saraus musicais e narração de histórias e causos. Estas iniciativas patrimoniais e a organização destes eventos ficavam a cargo de sua esposa Nair. Julio preocupava-se com a leitura e escrita de livros. Seu mundo era outro.

#### **4. Julio cria R. V. Slady**

Fascinado pela literatura desde pequeno e pela força que as histórias exerciam sobre o espírito humano, Julio, então com 24 anos, foi trabalhar como *office-boy* e tradutor de correspondências de guerra no jornal *O Imparcial*, no Rio de Janeiro. Naquela época, este jornal publicava contos curtos, para serem lidos no bonde a caminho do trabalho. Certa feita, Julio entregou ao editor do jornal, Leônidas de Resende, um conto de sua autoria, esperando que ele fosse publicado. Passados os dias, o conto permanecia sobre a mesa do editor sob um chumbo de linotipo, destes que eram usados nas gráficas da época. Depois de verificar várias vezes e constatar que seu conto permanecia com o “chumbo em cima”, tomou-o de volta sorrateiramente e, onde se lia J.C. Mello e Souza, escreveu outro nome: R.V. Slady – nome que ele inventou na hora. Na entrevista ao Museu da Imagem do Som, revelou que, ao reencontrar o editor, disse-lhe, simulando convicção:

Aqueles contos que eu trouxe eram realmente muito fracos, não valiam nada. Mas descobri um escritor americano formidável, que é muito curioso. Traduzi – graças ao auxílio de um esperantista – os contos dele, que são desconhecidos no Brasil.

No dia seguinte, a surpresa: ao passar pela banca de jornal, ficou boquiaberto ao constatar que um de seus contos – *A História dos Oito Pães* – havia sido publicado no jornal *O Imparcial*, com grifo, duas colunas e moldura (1920). Diante deste fato, afirmou: “Eu raciocinei: Quando é J.C. Mello e Souza: chumbo em cima! Quando é R.V. Slady: destaque na primeira página...!?”

Foi quando decidiu criar o pseudônimo Malba Tahan, que o acompanharia pelo resto da vida. Este caso foi contado por ele no depoimento feito ao Museu da Imagem e do Som (MIS) e repetido ao longo de sua vida nos círculos de amigos, parentes e admiradores.

É curioso que, em seu primeiro livro, no conto “O Homem Prodigioso”, Malba Tahan tenha usado um personagem cujo pseudônimo era justamente R.S. Slady. Mais do que isso, uma das passagens do conto traz estreita similaridade com suas peripécias autorais com o editor d’*O Imparcial* narradas acima, levando a crer que a referência teria sido intencional:

— Quem será esse homem misterioso que lê todos os dias, durante seis horas, uma complicada História da Groenlândia, escrita em norueguez?<sup>6</sup>

No talão em que elle requisitava o livro [da biblioteca], vinha apenas uma assinatura vaga, duvidosa: R.S. Slady.<sup>7</sup>

— É um pseudônimo, com certeza – observei. — Esse homem da roupa cinzenta deve ser um sábio notável... (1925a, p. 131-132)

6. Nota dos autores: nas citações tiradas de livros antigos – como esta – preservamos a ortografia original da época.

7. É provável que ele quisesse dizer R.V. Slady, pseudônimo de seus primeiros contos publicados.

## 5. Julio cria Malba Tahan

Quando Julio Cesar de Mello e Souza cria o pseudônimo Malba Tahan, não pretendia apenas criar um pseudônimo, mas uma mistificação literária, isto é, fazer com que ele parecesse ser o nome de um escritor real, que tivesse realmente existido. Então, para que pudesse inventar a biografia de Malba Tahan e para que seus contos árabes fossem convincentes em termos de estilo, linguagem e ambientação, passou cinco anos estudando a cultura e a língua árabes com os professores Ragi Basili e Jean Achar, respectivamente. Somente em 1924 começa a publicar contos no jornal *A Noite*, sob o pseudônimo de Malba Tahan; o primeiro deles intitula-se “O Juiz”.<sup>8</sup> Como se pode reparar na figura 10, o editor deste jornal colaborou com a mistificação literária, dizendo que os “contos do original escriptor anglo-árabe Hank Malba Tahan” seriam especialmente traduzidos e adaptados por “um de nossos colaboradores”. Esta seria a primeira vez em que o nome Malba Tahan vinha a público.

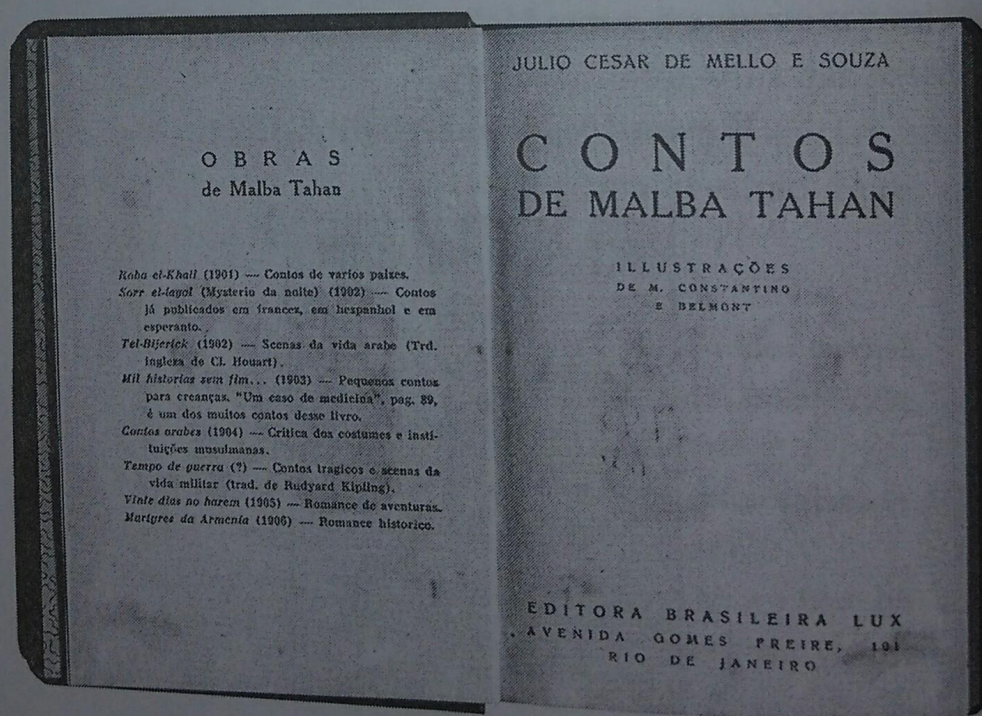
Figura 10: Jornal A Noite, 1924



8. Somente em seu terceiro conto publicado no jornal *A Noite* sob o pseudônimo Malba Tahan, é que apresenta seu primeiro personagem árabe: um guia desonesto. A partir do quarto conto — “Peregil e o velho do camelo” — é que a cultura árabe passará a ser sua tônica.

Apesar de suas intenções serem claras quanto ao pseudônimo, cabe ressaltar que o primeiro livro que publicou, *Contos de Malba Tahan* (1925a), ainda assinou com seu próprio nome, porém tendo “Malba Tahan” no título como suposto autor dos contos, como o título sugere. Para dar realismo a essa ideia, apresenta no livro uma lista das “Obras de Malba Tahan”, com datas de edição e uma descrição de cada livro, começando com *Roba el-Khali* (1901) – quando Julio teria apenas 6 anos de idade – e terminando com *Martyres da Armenia* (1906). E ainda planta uma dúvida verossímil na cabeça do leitor ao colocar uma interrogação no lugar de uma das datas, a da fantasiosa obra *Tempo de Guerra*, cuja tradução atribuía ao escritor indiano de origem britânica, Rudyard Kipling<sup>9</sup>, como se pode ver na Figura 11.

**Figura 11: *Contos de Malba Tahan*, seu primeiro livro, em primeira edição (foto do autor)**



9. Não foi sem um sorriso matreiro que descobrimos que, ao passar algumas semanas no Brasil, em 1927, o próprio Rudyard Kipling, indagado sobre a suposta tradução, declarou à imprensa: “O nome literário oriental de Malba Tahan é o maior *bluff* [blefe] na história da literatura universal” (1933, p. 30).

Na quarta-capa (capa de trás) do mesmo livro, Julio acrescenta aquilo que seria a primeira das várias biografias do pseudônimo que escreveria. Transcrevemos abaixo:

Hank Malba Tahan, famoso escriptor árabe, filho do rico muçulmano Salin Malba Tahan, nasceu na cidade de Mecca, quando sua família ahi se achava em peregrinação. Viveu durante doze annos em Manchester (Ingl.). Percorreu a Russia, a China, a Persia e a India. Escreveu varias obras de grande valor: “*Roba el-Khali*”, “*Mil histórias sem fim...*”, “*Tempo de guerra*”, etc. Manteve, durante algum tempo, correspondência literária com Anatole France, Rudyard Kipling e com o notavel philologo francez Prof. Gaudefroy Demomynes. Morreu em combate (Julho de 1921), nos arredores de El-Riad, lutando pela liberdade de uma pequena tribu da Arabia Central. (Do livro *Crestomathie arabe*<sup>10</sup>, do Dr. A. Van Gennepe). OBS: esta referência entre parêntesis é do próprio Julio.

Na mesma capa, observam-se, dentro de uma moldura, mais detalhes que buscam legitimar a mistificação literária: “A presente tradução foi devidamente autorizada pela Casa Palmer, de Londres, que possui exclusividade das obras de Malba Tahan”.

Além da biografia apresentada na quarta-capa de *Contos de Malba Tahan*, a seguinte epígrafe abre a introdução do livro (1925a, p. 5):

Não encontrando dados biographicos fidedignos e estudos criticos sobre a personalidade e a obra de Malba Tahan, transcrevemos a seguir um tópico da chronica de W. Speedy, inserta no numero especial (*Arabian Number*) da “*Short Stories Magazine*”, de Philadelphia, em maio de 1921.

Depois da epígrafe, seguem mais sete páginas de especulações literárias sobre o autor, talvez as mais longas que já publicou. Habilmente, inicia sua explanação investigativa convencendo o leitor de sua veracidade e seduzindo-o para prosseguir lendo. Diz no trecho:

---

10. “Antologia árabe”.

“A comparação parece, á primeira vista, algo extravagante; mas tem todo cabimento, como se vai ver”. Compara então as conclusões do astrônomo Le Verrier – que observara que, pelas perturbações na órbita de Urano, deveria haver algum outro planeta desconhecido por ali, somente confirmadas anos depois por outro astrônomo, Galle, de Berlim, como sendo o planeta Netuno – com as circunstâncias idênticas com que se deu o descobrimento do misterioso escritor Malba Tahan (1925a, p. 5-6).

Narra então as aventuras de um membro de uma comissão científica do Smithsonian (!) – um tal Mr. Slumter – que teria travado interessantes diálogos com o culto Ahmed Kamil em 1906, na cidade de El-Riad, aliando orientalismo ao ocidentalismo. Isto levaria Slumter a concluir que este árabe teria conhecido algum viajante com profundo conhecimento desses dois mundos. Mr. Slumter, então, narra estes diálogos a um colega arqueólogo – um tal Cl. Houart – que, tempos depois, encontra-se com Ahmed e procura apurar a verdade sobre as suposições de Slumter, o qual, por sua vez, recebe a seguinte carta meses depois (1925a, p. 8-10):

Facilima tarefa, meu caro. O jovem Ahmed e outros intellectuaes, têm, com effeito, um precursor, um mestre, um chefe de escola, É o escriptor Malba Tahan, autor de vários livros de contos produzidos num estylo *sui generis*. Suas historias são curtas (optima qualidade!) incisivas, “*very thrilling indeed*.” Si meus achaques me permittirem, hei de traduzir algumas e envia-las para o numero especial dedicado á Arabia, em que desejo collaborar, em attenção a teu delicado convite. Pouco consegui apurar, porém, sobre a biographia do escriptor. (Nessa parte os teus projectos vão ficar truncados). Sei apenas que Hank Malba Tahan vive ainda em Mecca; e, embora relativamente moço, tem na vida um rosario infindavel de aventuras. Viveu doze annos em Manchester, onde o pae negociava em vinhos; esteve algum tempo na Russia (antes da guerra), com uma empreza de saltimbancos; ahi perde-se o fio de sua vida (consta que andou preso por suspeito de espião)

até que reapparece na Persia, na India e em Shangai, successivamente. Na India leu as obras de Kipling: muitas passagens de seus contos denunciam a influencia desse escriptor.

Ahmed possui exemplares do "*Roba el-Khali*" e do "*Sorr el-layal*". Já tratei de adquirir esses livros, e os demais, intitulados: "*Mil historias sem fim*", "*Contos arabes*" e os "*Martyres da Armenia*".

Como sabes, não sou forte em critica, (livre-me a Providencia de tal pretensão!) mas sempre consegui apurar que Malba Tahan é admirador de Kipling, de Doyle, de Poe, de Rosny.

Ahmed conheceu-o pessoalmente em Mecca, ha cerca de seis annos, e disso tira grande orgulho. Disse-me que agora é que elle está consagrando ás literaturas orientais: tem grande admiração por Omar Kahayyam, sabe de cór o Rubayát! e estudou o bengali só para ler o Tagore.

É curioso que um arabe ás direitas como Malba Tahan, comece lendo Kipling para acabar em Sheerazade!

Ora ahi está a conclusão de meu raciocínio – diz Julio C. de Mello e Souza – assim como Neptuno foi descoberto mediante o cálculo, Malba Tahan, escriptor obscuro e inteiramente desconhecido na Europa e na America, teve sua existência prevista e determinada por uma simples analyse literária.

Agora, para concluir esse passeio analítico pela introdução de *Contos de Malba Tahan*, mais um breve trecho da mesma correspondência de Houart:

Perguntei a Ahmed Kamil por que motivo não conversou com o velho Slumter acerca de Malba Tahan. Tão simples *esquecimento* impediu por vários annos, que o *Roba el-Khali* fosse remetido para a America, e ahi traduzido e divullgado pelo mundo inteiro.

Não obtive resposta.

Certo, não houve outra razão além da vaidadesinha de parecer original, por parte do jovem "escrivinhador" de El-Riad...

Ah, meu caro, a presumpção humana existe e impera em todo o globo terrestre, a Arabia inclusive.

Já na segunda edição de *Contos de Malba Tahan*, Julio adota o mesmo procedimento daquele seu primeiro conto publicado no jornal: retira seu nome, mantendo apenas o pseudônimo e acrescentando abaixo do título: “Traduzidos directamente do original árabe”. Virando-se a página, vê-se a “Biographia de Malba Tahan” ao lado de uma ilustração que mostra um árabe, de turbante e longas barbas brancas, escrevendo. Nesta biografia, acrescenta outros nomes a Malba Tahan, chamando-o pela primeira vez pelo fabuloso nome de Ali Yezid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Hank MALBA TAHAN. Altera também seu local de nascimento, trocando Meca pela “pequena aldeia de Malba, nas vizinhanças de Mecca”, e ainda desmente sua morte, mantendo apenas que fora “gravemente ferido”.

Em *Lendas do Deserto* (ca. 1929), acrescenta outros detalhes à biografia, inclusive a data de nascimento como sendo 6 de maio de 1885, ou seja, exatamente o mesmo dia de nascimento de Julio Cesar de Mello e Souza, porém dez anos antes. Altera mais uma vez sua cidade de nascimento, trocando, desta vez, a aldeia de Malba pela aldeia de Muzalit:

Ali Yezid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Malba Tahan, famoso escriptor arabe, descendente de uma tradicional família musulmana, nasceu no dia 6 de Maio de 1885 na aldeia Muzalit nas proximidades da antiga cidade de Meca.

Neste ponto da *biographia*, ele insere uma nota de rodapé, trazendo novas informações sobre a suposta família de Malba Tahan – inclusive seu pai, “o velho Tahan” – dando ainda mais verossimilhança à sua mistificação literária:

Malba Tahan viveu doze annos em Manchester, na Inglaterra, onde seu pae exercia a profissão de commerciante. Liquidados ahi os seus negócios, o velho Tahan mudou-se para o Cairo com sua família, continuando em terras do Egypto o mesmo rumo de prosperidade. (Cf. o livro de CHARLES DESJARDINS – La vie árabe et la société musulmane, cap. VII) OBS: a referência entre parêntesis é do próprio Julio.



Como se vê nesta nota e no final da primeira biografia, Julio coroava sua mistificação com referências de determinados livros (*Crestomathie arabe* e *La vie arabe et la société musulmane*, respectivamente), fazendo crer que pelo fato de tais informações terem sido veiculadas nestas obras de referência não haveria razão para seus leitores duvidarem da autenticidade das informações.

Mais adiante, a *biographia* traz à luz outros “fatos”, que permitem que se tenha uma ideia mais completa do caráter dado por Julio à personalidade de seu pseudônimo:

Fez seus primeiros estudos no Cairo e, mais tarde, transportou-se para Constantinopla, onde concluiu oficialmente o seu curso de sciencias sociaes. Datam dessa época os seus primeiros trabalhos literarios que foram publicados, em idioma turco, em diversos jornaes e revistas.

A convite de seu amigo o Emi Abd el Azziz ben Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante varios annos, o cargo de *quaimaquam* [prefeito] na cidade de El-Medina, tendo desempenhado as suas funcções administrativas com rara intelligencia de [e] habilidade. Conseguiu, mais de uma vez, evitar graves incidentes entre os peregrinos e as autoridades locaes; e procurou sempre dispensar valiosa e desinteressada protecção aos estrangeiros illustres que visitavam os logares sagrados do Islam. Pela morte de seu pae, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança; abandonou então o cargo que exercia em El-Medina e iniciou uma longa viagem atravez de varias partes do mundo. Atravessou a China, o Japão, a Russia, grande parte da India e Europa, observando os costumes e estudando as tradições do folk-lore dos differentes povos.

Vê-se nestes exemplos a crescente elaboração da mistificação literária, que Julio constrói em torno de Malba Tahan. Entre seus originaes inéditos, há um texto intitulado “Apellidos e Mistificações Literárias”, exatamente sobre as mistificações literárias mais famosas. Esta obra é citada nas páginas iniciais de *As Maravilhas da Matemática* (1972) como tendo sido publicada com o nome “Mis-

tificações Literárias”. Eram frequentes em seus livros promessas de publicações que, como esta, muitas vezes acabavam não se cumprindo. Sua fantasia e seus anseios de escritor transbordavam os limites da razão; o criador perdia deliberadamente o controle sobre suas criaturas, levando-nos a sonhar junto com ele sobre fantásticas obras inexistentes ou nunca publicadas, como aquelas que já mencionamos e estas que lista no livro *Lendas do Deserto* (op. cit.), como sendo de autoria do misterioso e desconhecido Malba Tahan: *Sorr-el-layali*, *Tel-Bijerick*, *Hakaiat el-arab* e assim por diante.

Cabe ressaltar que, dentre estas obras, até então apócrifas ou imaginárias, algumas tiveram sua promessa de publicação cumprida anos depois: *Maktub* (1940), 10 anos depois da promessa e 34 depois da data indicada (1906); e o *Mil Histórias sem Fim* (1931), 6 anos depois da promessa e 28 anos depois da data indicada (1903).

Aos 43 anos de idade, quando publicou *O Homem que Calculava* (1938), conclui a dedicatória do livro com a seguinte informação: “De Bagdá, 19 da Lua de Zahagé de 1904” (data em que Julio teria 9 anos de idade). Já na segunda edição, recua essa data em mais de 500 anos, situando a mesma dedicatória em “Bagdá, 19 da lua de Ramadã de 1321”, abrindo a possibilidade de Malba Tahan ter nascido no século XIV ou mesmo no XIII (!)<sup>11</sup>. Com efeito, até mesmo nas dedicatórias autografadas que fazia nos livros, geralmente na página que exibia seu ex-libris, indicava Bagdá como cidade local – por exemplo: “Bagdá, 4 de novembro de 1959”, e concluía assinando seu nome em árabe por meio de um carimbo.

Com o intuito de difundir ainda mais a mística do enigmático escritor árabe, Julio ainda publicaria uma pequena brochura de 16 páginas intitulada *Malba Tahan, sua vida e sua obra* (1933), contendo mais uma biografia, seguida de textos de outros autores comentando o personagem-escritor. Em 1942, lança uma 2ª edição expandida desta biografia, incluindo textos como este de Norival Aguiar, que se perguntava quem seria esse tal Malba Tahan:

---

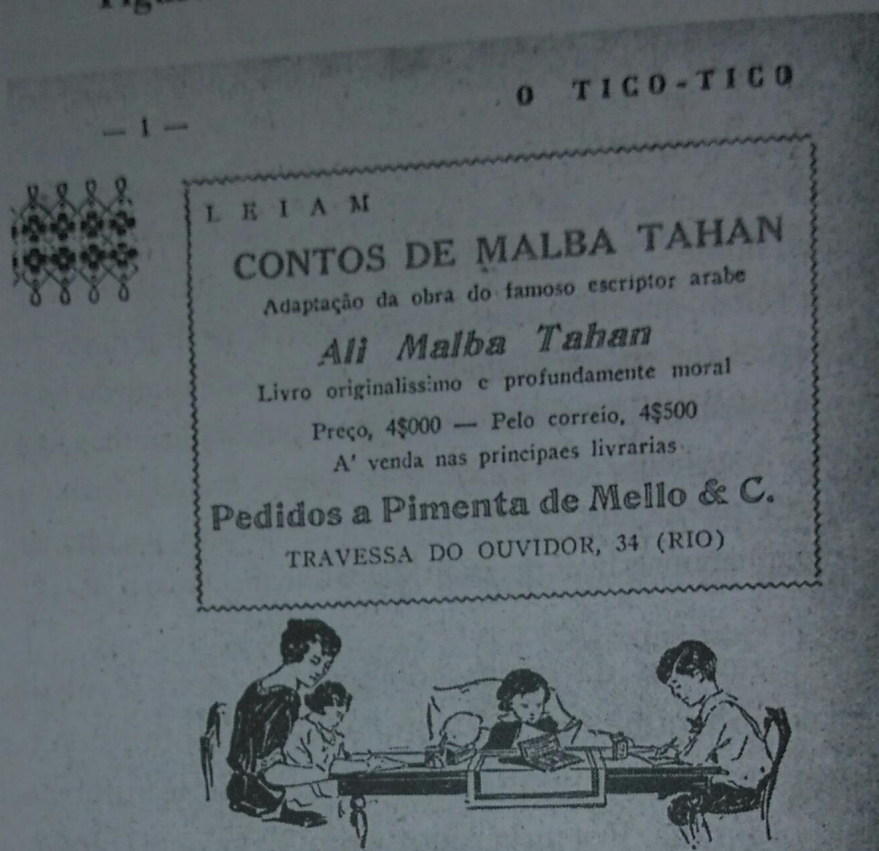
11. Se Malba Tahan tivesse 43 anos em 1321, teria nascido em 1278.

Mas ninguém sabe, afinal, quem seja êsse enigmático “servidor de Alá”, que por aí anda. Homem ou mulher? Muçulmano ou francês? Russo ou espanhol? Alemão ou chileno? E quem nos garante não ser ele um pacato cidadão brasileiro, funcionário público ou aposentado, ou simples empregado do comércio que escreve nas horas vagas? Será mesmo seu, este feio e complicadíssimo nome – Ali Yesid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan, que mais parece um telegrama cifrado? [...]

Eu cheguei a julgar que Malba Tahan fosse pseudônimo do nosso saudosíssimo Humberto de Campos, que, a juízo meu, era o único brasileiro capaz de escrever “contos orientais” com o lirismo, a serenidade, a sutileza e o encantamento que sempre acompanharam as historietas de Malba Tahan. (1942, p. 45-46)

Jornais e revistas da época colaboravam com a mistificação (seja por desconhecimento, seja por conivência), omitindo o nome original do escritor e, muitas vezes, acrescentando informações à sua suposta biografia. Em uma reportagem da revista *Careta* (1951, p. 6), Murillo Teixeira Barros reforça sua origem árabe, afirmando que “Malba Tahan é para a Arábia o que Hans Andersen foi para a Dinamarca e Monteiro Lobato foi para o Brasil”. Ainda especula que Malba Tahan teria fugido da Arábia para o Brasil e se naturalizado brasileiro com o nome de Julio Cezar de Mello e Souza – o pseudônimo às avessas –, assumindo a carreira de professor de matemática. A revista *Fon-Fon* (1929, p. 51) declara em uma matéria que “Malba Tahan é o famoso *conteur* arabe que melhor reflecte a psychologia de seu povo...”. Na revista infantil *O Tico-Tico* (1926, p. 23), o jornalista se desculpa com uma leitora por não poder revelar o verdadeiro nome de Malba Tahan: “Quanto ao ‘caso’ de Malba Tahan, procedi assim a pedido delle, pois quer guardar o [nome] incógnito, deixemos a Lili Paulista em seu ‘engano dalma led e cego’ a tal respeito”. Abaixo, neste anúncio do primeiro livro (Fig. 12), presente na mesma revista *O Tico-Tico* (1927, p. 1), vê-se igual cuidado para se cultivar a mistificação, descrevendo o livro como “Adaptação da obra do famoso escriptor árabe Ali Malba Tahan”.

Figura 12: Revista *O Tico-Tico* (1927)



Muitos nomes próprios têm um significado, e não poderia ser diferente com o nome “Malba Tahan”. Assim, no livro *Malba Tahan, sua vida e sua obra*, vemos a seguinte definição de Suleimann Sáfa-dy (Diretor do Ginásio Oriental de São Paulo):

Malba é uma palavra de origem árabe. Figura entre os derivados do verbo Labá, que significa ordenhar. Malba é uma denominação dada ao lugar onde eram reunidas as ovelhas para a ordenha. A melhor tradução para o vocábulo “malba” seria “aprisco”.

Tahan (o árabe pronuncia o *h* aspirado) é um substantivo corrente do idioma árabe. Significa o Moleiro, isto é, o homem que prepara o trigo. (1942, p. 4)

Julio acrescenta ainda, em uma entrevista, que a ideia do “Tahan” teria vindo do nome de uma aluna sua da Escola Normal:

Maria Sachzuk Tahan (1946, p. 10).<sup>12</sup> Explica também ao jornal *Correio Paulistano* como surgiu sua paixão pela cultura árabe:

Criança ainda, correndo descalço pelas ruazinhas esquisitas da minha cidade natal – Queluz [sic.] –, comecei a sentir o encanto das paisagens orientais. Não as via, claro. Mas elas boiavam em minha imaginação ardente de menino, enquanto eu devorava, noite após noite, os contos fantásticos das Mil e uma Noites. E assim, as árvores da minha terra apareciam ante meus olhos espantados como autênticas tamareiras, carregadinhas de frutos – uns frutos doces que nem mel... Oasis também, muitos oasis, surgindo aqui e ali, na representação modesta de touceiras de capim gordura. Até mulheres e até homens – elas com os rostos escondidos pelos véus, eles com o Albornoz flutuando ao vento como bandeira branca – passeavam suas silhuetas pelos recantos ensombrados de Queluz. Nascia em mim, forte e dominadora, a paixão pelas coisas orientais. (1941, p. 3)

Para que a mistificação literária ficasse completa, ainda restava criar um tradutor, já que Malba Tahan escrevia hipoteticamente em árabe. Julio inventou então um tal Breno Alencar Bianco, tradutor fictício que passou a figurar em seus livros a partir da primeira edição de *O Homem que Calculava*, em 1938. Tudo levava o leitor a crer que Malba Tahan tivesse existido de fato. Ainda hoje, muita gente acredita que ele tenha sido realmente um árabe de longas barbas brancas e turbante. Poucos sabem que Malba Tahan – ou *Ali Yezid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan* – é criação de um brasileiro chamado Julio.

---

12. De fato, além de Maria Zachzuk [Zakzuk] Tahan, encontramos, na imprensa carioca e paulista da época, vários outros “Tahans”, como Teophilo Tahan, Jorge Tahan, Gabriel Tahan etc. Sabe-se também que, depois que Malba Tahan ganhou fama, várias meninas foram batizadas com o nome Malba, inclusive uma que viria a ser conhecida da família anos depois, a mineira Malba Andrade, cujo pai era leitor assíduo de seus livros.

## 6. Julio, através de Malba Tahan

Analisando estas correlações que se estabeleciam entre criador e criatura, entendemos que Julio Cesar se faz presente através de Malba Tahan, visando atingir determinados objetivos literários, mas também outros de cunho humanista, moral e social. Ao longo de sua vida, ele travou três combates que ainda hoje nos parecem presentes. O primeiro deles era ao denominado “algebrismo”.

Como professor de matemática, Julio Cesar combateu, com todas as suas forças, aquele ensino de matemática que, até hoje, aterroriza os estudantes e os afasta do aprendizado significativo e prazeroso dessa matéria, que ele sabia tornar saborosa, significativa e acessível através de seus livros, suas aulas e suas palestras. Em razão de um determinado tipo de ensino, ainda hoje, um número enorme de jovens tem dificuldades em aprender matemática e chegam mesmo a odiá-la. Recentemente, na rede social Facebook, encontramos um total de 43 comunidades “Odeio matemática” e 41 “Odeio meu (minha) professor(a) de matemática”. Isso é sintomático. As razões para essa manifestação de desgosto pela arte dos números e seu(sua) professor(a) são muitas, mas algumas Julio já apontava em sua época: a matemática sem sentido para o estudante, o algebrismo e o desrespeito à inteligência dos alunos. Em seu livro *Didática da Matemática* (1957), mesmo defendendo clareza e rigor matemáticos, define o professor algebrista como aquele que impõe aos alunos problemas obscuros, enfadonhos, irrealis, sem finalidade prática ou teórica, com a única preocupação de tornar a matemática inacessível. Diz ele: “Isso é obra de um inimigo roaz<sup>13</sup> e pernicioso; um inimigo que é para a Matemática como a broca para o café, a lagarta para o algodão e a saúva para todo o Brasil”. Por essa razão, Julio publicou livros de divulgação científica, ou seja, que pudessem tornar a matemática acessível e prazerosa a todos, tais como: *Matemática Divertida e Curiosa* (1934); *Histórias e Fantasias*

13. Que rói; destruidor.

*da Matemática* (1939); *Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática* (1940); *Matemática Divertida e Pitoresca* (1941); *Matemática Divertida e Fabulosa* (1942); *Diabruras da Matemática* (1943a); *Matemática Divertida e Diferente* (1943b); *As Grandes Fantasias da Matemática* (1945). Estes livros foram publicados com o nome “Mello e Souza”. O fato de estarem mais diretamente ligados ao âmbito da educação matemática e de suas atividades didáticas talvez expliquem esta opção do autor.

O segundo combate foi ao preconceito.

Malba Tahan, como homem público, esteve consciente do papel social que poderia cumprir. E foi assim que combateu o preconceito que havia contra aqueles acometidos pela hanseníase. Desde os tempos bíblicos, a hanseníase (Mal de Hansen ou “lepra”, como era chamada) era descrita como uma doença que causava horror em razão da aparência física da pessoa afetada: lesões na pele e deformação das extremidades. Para piorar, seus sintomas eram associados a estigmas religiosos, acreditando-se que o paciente estaria sob algum tipo de maldição lançada por Deus. Na era moderna, aliadas à ausência de tratamento eficaz, essas crenças ainda persistiam, e os doentes ainda eram submetidos ao preconceito e ao isolamento social em leprosários. Inconformado com essa situação e ciente de que o isolamento não diminuía o número de casos e de que a doença não era contagiosa como se acreditava, Malba Tahan resolveu criar uma revista chamada *Damião* (1951-1963). Seu objetivo era desmistificar a doença, minimizar o preconceito, mobilizar a classe médica em torno de políticas públicas que propiciassem um tratamento mais humano e eficaz. Sobre o mesmo assunto, também publicou, em parceria com Eva Antakieh, o romance *Ainda não, Doutor* (1967).

### Figura 13: Palestra para filhos de internos acometidos pelo Mal de Hansen



Fonte: Revista da Semana, n. 32, 1946.

Enquanto lançava a revista, passou a visitar todos os leprosários do Brasil, onde conversava com pacientes, contava histórias às crianças internas, aos filhos de internos e debatia com os médicos. Desse modo, também atraía a opinião pública e até mesmo membros do governo para a questão. Em 1958 conseguiu conquistar o interesse do próprio presidente da República, Juscelino Kubitschek. Graças a esse e a outros movimentos, o isolamento de hansenianos foi considerado extinto com a aprovação do decreto nº 968, de 7 de maio de 1962.

O terceiro combate se traduz na figura de Beremiz, *o homem que calculava*.

Ao criá-lo, Julio criou um personagem semelhante a tantos homens sábios e que dominam os cálculos apesar de não terem frequentado os bancos escolares. Beremiz era como um desses ambulantes que vendem produtos no sinal e que calculam o troco com uma enorme rapidez, memorizam os cálculos e chegam a resultados imediatos. Em tempos em que não havia calculadora e nem computador, o raciocínio matemático de Beremiz chega a surpreender



os califas – homens do poder! Além disso, Beremiz tem princípios morais rígidos: ele se recusava a realizar um cálculo cujo resultado pudesse promover a Guerra, a Fome, a Morte ou qualquer forma de injustiça. Assim, a obra de Malba Tahan, além de tratar a matemática de forma lúdica e divertida, introduz, sistematicamente, valores morais e éticos que transcendem o tempo e o espaço. Beremiz é o porta-voz destes valores. Um homem simples, que dá aulas de matemática e de moral aos leitores e àqueles que ocupam o poder.

Nesse triângulo de relações entre criador e criatura, Julio cria Malba Tahan, e Malba Tahan cria Beremiz. Desse modo, Beremiz era, para Malba Tahan, o que Malba Tahan era para Julio Cesar de Mello e Souza: um veículo dos conhecimentos que mediam as relações humanas (no sentido de mediar e não de medir).

## **7. Julio, Malba Tahan e seu Legado**

Julio Cesar de Mello e Souza é considerado um dos pioneiros da etnomatemática no Brasil. Essa área do conhecimento surgiu no âmbito da antropologia e veio como uma resposta à necessidade de um entendimento da matemática em diferentes contextos, povos e culturas. Diversas formas de calcular e de aplicar a matemática às necessidades do dia a dia têm sido desconsideradas por serem restritas às tradições orais e por não se enquadrarem em uma matemática hegemônica, tida como oficial. Grupos sociais diferenciados – inclusive, por exemplo, as crianças de uma determinada cultura – praticam matemáticas igualmente diferenciadas; pensam e agem matematicamente de maneira própria e singular, singularidade que ele respeitava e admirava.

Julio tinha um vivo interesse pela matemática das ruas, da roça, dos mercados, das diferentes culturas e épocas, e passou a coletar informações desse teor, que publicava em suas colunas de jornal e em seus livros, presentes também em sua obra inédita *Dicionário Curioso de Pesos e Medidas*. Essa perspectiva da etnomatemática se concretizou de forma mais contundente em cinco de suas obras:

Em *Meu Anel de Sete Pedras* (1955), apresenta um panorama etnomatemático por meio de versos de tradição popular que contava, como adivinhas, literatura de cordel, repentes, desafios, contagens cantadas e rimadas. Com isso, buscava expandir o universo matemático à literatura e às tradições orais brasileiras. No livro *Folclore da Matemática* (1954) – depois publicado como *Os Números Governam o Mundo* (1965) – procura compreender os significados dados aos números, desde o zero até o infinito, nas diferentes culturas e épocas, inclusive na linguagem popular, na quadrinhas infantis e na poesia sertaneja. Além de seus contos árabes de teor etnomatemático, dispersos em sua produção literária, há pelo menos mais dois livros seus que poderiam ser, hoje, considerados como de etnomatemática: *Numerologia* (1969), em que analisa a ciência dos arcanos numerológicos de predição do destino, e *O Jogo do Bicho à Luz da Matemática*, seu último livro, publicado postumamente no ano sua morte, em 1974. Também se inclui nessa temática o inédito *Dicionário Curioso de Pesos e Medidas*, que traz verbetes como *balaio*, *punhado*, *légua de beijo* e outras medidas regionais de uso cotidiano.

Assim sendo, seu legado agrega também os saberes do homem comum, alargando a visão de matemática e de ciência, e evitando dualismos como *culto & popular*, *formal & informal*, *profissional & dileitante*, dicotomias de cunho muitas vezes preconceituoso e etnocêntrico, que limitam a visão de conhecimento. Essa tomada de posição está em harmonia com o caráter dado a personagens como Beremiz (um homem comum e, ao mesmo tempo, incomum), seu alter-ego e espelho de Malba Tahan.

De certo modo, sua obra como um todo também cumpre com esse objetivo, o que o levou inclusive a ser conhecido como um dos grandes popularizadores da matemática, e, diga-se, da própria literatura árabe.

Uma medida da força e da abrangência desta popularização é o recorte de jornal encontrado em seus arquivos, vindo das páginas policiais de um jornal, que narra a prisão de um ladrão de bicicle-

tas. Nele, o ladrão, ao ser preso em flagrante e já tendo roubado quase duas mil bicicletas, declara à reportagem que queria “uma cela só para ele, com seus 20 livros de Malba Tahan”. Ainda conclui dizendo: “Já li e reli Malba Tahan umas trinta vezes!” (1966, p. 18).

## 8. Morte e Vida

Quando faleceu, Julio Cesar de Mello e Souza estava na capital pernambucana para conferências sobre a *Arte de Ler e Contar Histórias*, título de um de seus livros (1957). Na época, continuava ativo, dando palestras, e mantinha uma coluna diária no jornal *Última Hora*. Depois de sua morte, foram encontradas em sua mesa de trabalho correspondências que acabara de responder, mas que não tivera tempo para enviar. Além disso, figuravam alguns livros inéditos que haviam sido escritos e aguardavam publicação. Em sua *Carta Testamento* pode ser observado o mesmo desprendimento material que caracterizou sua vida: desejava que seu enterro fosse realizado da maneira mais modesta possível, sem coroa de flores, com o caixão mais barato e sem luto. A fim de deixar claro seu desejo, citou no *Testamento* o samba “Silêncio de um minuto”, de Noel Rosa (1953): “Roupa preta é vaidade / pra quem se veste a rigor / O meu luto é a saudade / e a saudade não tem cor”.

Alguns de seus alunos se lembram da maneira com que Julio dava suas aulas e palestras. Ele tinha o dom do uso da palavra e era carismático. Na primeira metade do século XX, o rádio não havia assumido a popularização que conquistou depois. A televisão nem existia. As aulas e palestras eram algumas das principais atividades que reuniam as pessoas em auditórios públicos e salas em ambientes privados.

### Figura 14: Imagem da audiência de uma palestra sua em Curitiba



Fonte: Arquivo da família.

Em inúmeras oportunidades, Julio era convidado para proferir conferências em cidades do território brasileiro, atraindo grande número de adultos, jovens e crianças, que lotavam as principais salas de teatro e auditórios, com ampla cobertura da imprensa local (será que podemos imaginar, nos dias de hoje, uma conferência pública – sobre matemática – lotada?).

Sua maneira de falar era comovente e instigava a participação da audiência; conforme relato de antigos alunos, as aulas do professor Malba Tahan – ministradas com sua eloquência culta, mas acessível e bem humorada – eram muito concorridas, sendo que muitas vezes não havia lugar para se sentar. Um grande número de estudantes permanecia de pé no fundo da sala e no corredor, para assistir às suas preleções. Sua esposa muitas vezes o acompanhava e também se encantava com sua eloquência.

**Figura 15: Comentário sobre uma palestra de Malba Tahan na cidade de Caxias-RS**

---

— C A X I A S, (RIO GRANDE DO S

---

## MALBA TAHAN

Malba Tahan visitou Caxias!

E falou para a nossa gente, ali, no Teatro Guaraní, na manhã de sol e de esplendor, que foi a de domingo último.

Uma assistência numerosa ouviu-o encantada, bendizendo os fados que lhe proporcionaram o esplêndido espetáculo da palavra florida e simples do grande escritor.

Malba Tahan!

Que delícia ouvi-lo! Que indizível prazer o do encanto feiticeiro da sua palavra!

Como êle é diferente de todos os outros oradores, notadamente dos conferencistas, que se põem a ler, a ler tiras e mais tiras de papel, muitas vezes de conceitos profundos, de muita elegância e elevação de linguagem, mas nunca com aquêlo quê todo especial, todo de Malba Tahan.

E os minutos correram céleres e o tempo se escoou rápido...

E quando Malba Tahan terminou a sua magistral palestra, a uma voz, disseram todos: que pena! Por que não continuou êle falando, falando...

De nenhuma outra maneira se poderia prestar maior e mais merecida homenagem ao grande escritor.

Que pena! Por que o tempo fugiu tão de pressa? ... Por que Malba Tahan falou tão pouco, êle que fala tão bem?!

*Rosa Vianna*

---

Fonte: Semanário O Momento, 1942.

No texto “Comboiando Malba Tahan”, presente no livro *Malba Tahan, sua vida e sua obra* (1942, p. 37-40), o promotor público de Araguari/MG, sob o pseudônimo de Gil Braltar, relata a despedida de Malba Tahan depois de uma conferência naquela cidade:

Segunda-feira passada, a cidade amanheceu feliz. Havia Sol no Céu. Malba Tahan ainda estava na terra, contando lendas e lendas. Às 10 horas da manhã, começou o reboiço. Muita gente na porta do Palace Hotel. Malba Tahan começou a se despedir. Abraços e mais abraços. [...]

Na manhã de terça-feira, fomos à Estação levar Malba Tahan. Ele nos olhou comovido. Palavra, que é verdade. Podem perguntar ao Ribeiro. Olhou-nos e nos disse já com o trem em movimento: “Não se esqueçam. Dêem muitas lembranças a Araquari”.

E olhei nos olhos de Malba Tahan. Havia um brilho molhado nos olhos orientais do Cheique.

**Figura 16: Malba Tahan (à direita, segurando chapéu e sobretudo) em uma estação de trem, despedindo-se de alguma cidade após uma de suas palestras**



Fonte: Diário de 1951, arquivo da família.

Assim, em turnês por capitais e pequenas cidades, Malba Tahan levava seus conhecimentos e sua criatividade. Em seu currículo – para que se faça uma ideia – estão contabilizadas mais de duas mil conferências.

Logo depois de publicar seu primeiro livro, em 1925, e de ganhar certa notoriedade, começa a expandir seu público através de diversos jornais e revistas com os quais passa a colaborar, escrevendo contos árabes e outras histórias infanto-juvenis, sem mencionar as publicidades de seus livros e palestras. Atua com inteligência na gerência dessa campanha, publicando em mídias diferenciadas, como jornais, suplementos infantis, revistas infantis, revistas juvenis, revistas femininas, na indústria fonográfica<sup>14</sup> e até mesmo no rádio, onde teve aparições frequentes, principalmente contando histórias. Mais tarde também passa a escrever colunas de curiosidades matemáticas e desafios, além de aparecer em reportagens e entrevistas que difundiam sua obra e seu pensamento. Além disso, cria três revistas ao longo de sua carreira, importantíssimas por seu ineditismo, pelo caráter social que dá às ciências e por outros fatores (discutidos nos capítulos seguintes do presente livro), ampliando ainda mais seu alcance: *Al-Karismi* (1946-1951), *Lilaváti* (1957) e *Damião* (1951-1963). Suas qualidades como escritor, somadas a essa difusão intensa e perspicaz, permitiram que Malba Tahan ampliasse seu público para outras esferas, atingindo em pouco tempo um número enorme de leitores de todas as idades e âmbitos. Aliás, essa estratégia se vê sintetizada nesta frase-*slogan* escrita na 3ª capa de *Malba Tahan, sua vida e sua obra* (1933): “Pelo seu valor altamente moral e instructivo as obras de Malba Tahan podem ser lidas por TODOS, indistinctamente, tanto crianças como adultos”.

A partir de 1927, por exemplo, passa a fazer várias inserções na revista *O Tico-Tico*, entre muitas outras revistas, a fim de atingir o público infanto-juvenil. Cabe lembrar que alguns de seus livros foram publicados primeiro em jornais e revistas – como contos seriados ou colunas semanais – e somente depois em livro, como o próprio *Contos de Malba Tahan*. Por exemplo, *As Aventuras do Rei*

14. Gravou pelo menos um LP, que se tenha notícia, intitulado *Contos Infantis de Malba Tahan*, pela Columbia Records, da série Malba Tahan, apresentando o autor contando “Papae do Céu e a Girafa” e “O Rei que tinha uma cara engraçada”, acompanhado por um quarteto de cordas infantil (1932).

*Baribê* e *A Caixa do Futuro* primeiro foram publicados em séries de ilustrados (nas revistas *O Globo Juvenil* e *Vida Juvenil*, em 1943 e 1950, respectivamente) e somente depois reunidas em livros. A ideia do livro *Mil Histórias sem Fim* já circulava em seus primeiros contos sob o pseudônimo de Malba Tahan, no jornal *A Noite*, em 1924, sendo publicado em livro somente em 1931, e ainda foi vertido para a linguagem dos quadrinhos em 1953, pela Ebal. No carnaval de 1975, a União de Vaz Lobo, escola de samba do 3º grupo do carnaval do Rio de Janeiro, desfilou com o tema alegórico “Malba Tahan e seus fabulosos contos orientais”; e duas outras escolas desfilaram tendo *Maktub* como tema: em 2010, a Escola de Samba Ilha do Marduque (de Uruguaiana/RS) e, no presente ano de 2015, justamente quando Júlio César de Mello e Souza faria 120 anos, a Colorado do Brás (de São Paulo/SP) desfilou, sob intensa chuva, com o samba “Maktub; Estória de mil e uma histórias”.

\*\*\*

No ano de 2004, em resposta aos anseios da Sociedade Brasileira de Educação Matemática e ao movimento organizado por familiares, colegas e amigos, foi criado em sua homenagem e memória o Dia Nacional da Matemática, aprovado no Congresso Nacional. Assim, no dia de nascimento de Julio Cesar (e de Malba Tahan!) – 6 de Maio – são realizadas, nas escolas e em outros centros, oficinas de matemática, exposições, atividades de reflexão e mobilização em torno da educação matemática e da vida e obra de Malba Tahan (e de Julio Cesar de Mello e Souza). O livro *O Homem que Calculava* pode ser encontrado em diversos idiomas e países. Sua obra continua seduzindo jovens leitores, estudantes, professores e matemáticos. Pesquisadores fazem dela seu objeto de reflexão acadêmica, e muitos transformam esta reflexão em teses, artigos e livros.

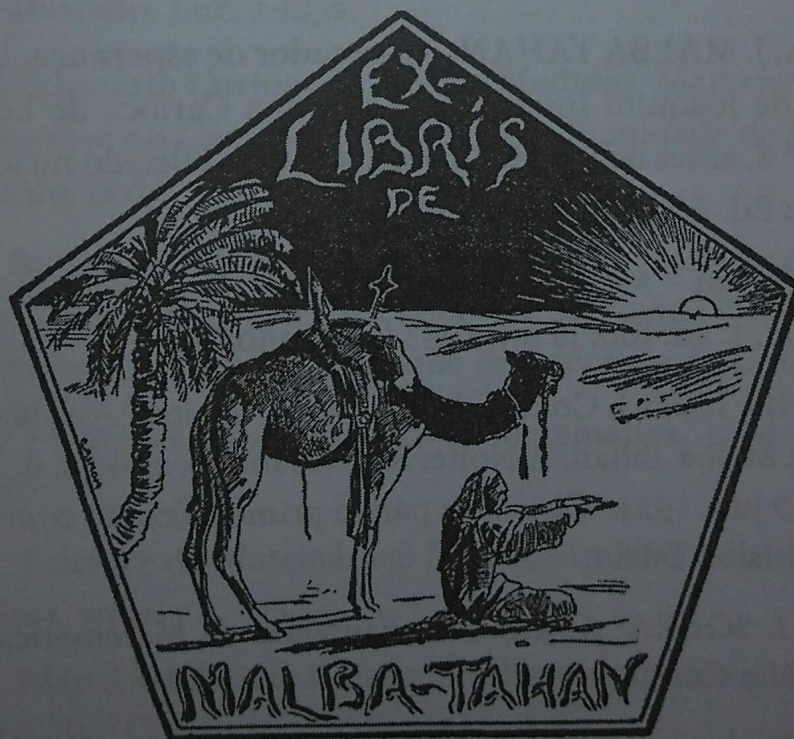
Neste artigo defendemos a ideia de que Julio Cesar de Mello e Souza criou Malba Tahan para que este escrevesse seus livros; e que Malba Tahan criou Beremiz para que este – no âmbito da literatura



– pudesse “pôr em prática” sua concepção matemática, aplicando-a nas situações de vida. Embora devesse ser o contrário, essa linha que vai de Julio até Beremiz, passando por Malba Tahan, não é uma linha de distanciamento crescente, que vai do real até a fantasia; parece ser exatamente o contrário: Julio César é que é a fantasia – que se distancia da realidade de sua obra – ocultando-se habilmente atrás de todas essas camadas de imaginação, que levam o leitor a acreditar serem a mais pura e genuína realidade.

Durante muitos anos o público acreditou que Julio Cesar e Malba Tahan fossem duas pessoas diferentes. Julio Cesar de Mello e Souza faleceu em Recife no dia 18 de junho de 1974, vítima de um ataque cardíaco. Malba Tahan – apesar de ter sido “gravemente ferido em combate” – continua vivo em sua obra e em suas ideias.

**Figura 17: Um dos ex-libris de Malba Tahan**



Fonte: Arquivo da família.

## Referências

BARROS, M. T. Malba Tahan. *Careta*, Rio de Janeiro, n. 2410, ano 47, p. 6-7, 4 set. 1954.

BATISTA, J. P. (texto); LLAMPAYAS, R. (desenhos). *Mil Histórias sem Fim*. 1. ed. Adaptação para História em Quadrinhos, Col. Edição Maravilhosa / Extra, n. 138, dez. 1956, Rio, EBAL, 50p.

BHERING, G. Comboiando Malba Tahan. In: COSTA, Getúlio (ed.). *Malba Tahan – sua vida e sua obra*. 2. ed. Rio: Getúlio Costa, 1942, p. 37-40.

COSTA, Getúlio (ed.). *Malba Tahan – sua vida e sua obra*. Col. Lendas Orientais. 2. ed. Rio: Getúlio Costa, 1942.

FON-FON. As Mil Histórias sem Fim de Malba Tahan. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 8, p. 51, 23 fev. 1929.

INOJOSA, J. MALBA TAHAN, o mercador de esperança. Discurso de posse de Joaquim Inojosa na Academia Carioca de Letras [na cadeira nº 8, antes ocupada por Malba Tahan, falecido no ano anterior]. Rio: Ed. ABL, 15 maio 1975.

MALBA Tahan – sua vida e sua obra. Col. Os grandes escriptores do Oriente. 1. ed. Rio: [s.n.], 1933 [sem autoria].

MARINHO, I. (dir.). Contos de mil e uma “Noites” – as histórias e lendas de Malba Tahan. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 4501, p. 1 (capa), 7 jun. 1924. Chamada para o primeiro conto com o pseudônimo Malba Tahan.

MELLO E SOUZA. *As Grandes Fantasias da Matemática*. 1. ed. Rio: Getúlio Costa, 1945.

\_\_\_\_\_. *Diabruras da Matemática*. 1. ed. Rio: Getúlio Costa, 1943a.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Curioso e Recreativo de Matemática v. I, A-B*. 1. ed. Rio: Getúlio Costa, 1940.

\_\_\_\_\_. *Histórias e Fantasias da Matemática*. 1. ed. Rio: Getulio Costa/Calvino, 1939.

\_\_\_\_\_. *Matemática Divertida e Diferente*. 1. ed. Rio: Getulio Costa, 1943b.

\_\_\_\_\_. *Matemática Divertida e Curiosa*. 1. ed. Rio: Calvino Filho, 1934.

\_\_\_\_\_. *Matemática Divertida e Fabulosa*. 1. ed. Rio: Getulio Costa, 1942.

\_\_\_\_\_. *Matemática Divertida e Pitoresca*. 1. ed. Rio: Getulio Costa, 1941.

MELLO E SOUZA, J. B. de. *Meninos de Queluz – crônica de saúde*. 1. ed. Rio: Aurora, 1949.

MELLO E SOUZA, J. C. de (org.). *Contos de Malba Tahan*. 1. ed. Rio: Ed. Brasileira Lux, 1925a.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Curioso de Pesos e Medidas*. Manuscrito inédito. Atualmente no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp, [s.d.].

\_\_\_\_\_. *Revista ERRE, Queluz/SP, 1907 a 1909*, [Manuscrito], 25 v. Em alguns volumes consta o pseudônimo Salomão IV. Atualmente no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp.

MELLO E SOUZA, Prof. *Didática da matemática*. 1. ed. Rio: Aurora, 1957

\_\_\_\_\_. *Folclore da Matemática: lendas, histórias e curiosidades*. 1. ed. Rio: Conquista, 1954.

\_\_\_\_\_. *Meu Anel de Sete Pedras: cintilações curiosas da matemática*. 1. ed. Rio: Conquista, 1955.

MESQUITA FILHO, J. de (ed.). *Roubou duas mil bicicletas*. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano 87, n. 28100, p. 18, 24 nov. 1966.

NÓBREGA, A. Malba Tahan vs. Melo e Sousa. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 8-14, 10 ago. 1946. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909\\_04&PagFis=18820](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_04&PagFis=18820)>. Acesso em: 8 dez. 2014.

O MALHO (Revista). De como Malba Tahan, o escriptor do Oriente, encontrou-se com os professores Sana-Khan e Chacarian, a quem Allah deu o dom de ler o destino dos homens. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 32, n. 1574, p. 30, 18 nov. 1933.

O MALHO (ed.). Seção Correspondência do Dr. Sabe tudo. *O Tico-Tico*, Rio de Janeiro, ano 26, n. 1.276, p. 23, 15 jan. 1930.

\_\_\_\_\_. *O Tico-Tico*, Rio de Janeiro, ano 22, n. 1.122, p. 1, 6 abr. 1927.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. Depoimento gravado, MIS – Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro, 15 abr. 1973. Disponível em: <[www.malbatahan.com.br/ouca.php](http://www.malbatahan.com.br/ouca.php)>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SLADY, R. V. A História dos Oito Pães, *O Imparcial*, Rio de Janeiro, coluna Conto d'O Imparcial, ano 10, n. 1501, p. 10, 30 maio 1920.

TAHAN, M. *A Arte de ler e de contar Histórias*. 1. ed. Rio: Conquista, 1957.

\_\_\_\_\_. *As Aventuras do Rei Baribê*. 1. ed. Rio: Getúlio Costa, 1944.

\_\_\_\_\_. A Caixa do Futuro. *Almanaque Vida Juvenil de 1950*, Rio de Janeiro, Ed. Vida Doméstica, p. 17-40, 1950.

\_\_\_\_\_. *A Caixa do Futuro*. 1. ed. Rio: Conquista, 1958.

\_\_\_\_\_. *Acordaram-me de Madrugada – memórias de um ex-aluno do Colégio Pedro II*. 1. ed. Rio: Colégio Pedro II, 1973.

\_\_\_\_\_. **Ainda não Doutor!** – romance baseado em caso verídico (c/ Eva Antakieh, ex- interna de *Santa Isabel*). 1. ed. Rio: Conquista, 1967.

\_\_\_\_\_. **As Maravilhas da Matemática**. 1. ed. Rio: Bloch, 1972.

\_\_\_\_\_. **Contos de Malba Tahan**. 2. ed. Rio: [s.n.], 1925.

\_\_\_\_\_. (dir.). **Damião**, Rio, n. 1 [s.n.], 1951 (revista bimestral editada até 1963).

\_\_\_\_\_. **Lendas do Deserto**. 1. ed. Rio: Livraria Azevedo, ca. 1929.

\_\_\_\_\_. **Maktub – estava escrito**. 1. ed. Rio: Getulio Costa, 1940.

\_\_\_\_\_. **Mil Histórias sem Fim**. 1. ed. Vol. I. Rio: Freitas Bastos, 1931.

\_\_\_\_\_. **Minha Vida Querida – os segredos da alma feminina nas lendas do Oriente**. 1. ed. Rio: Pongueti, 1937.

\_\_\_\_\_. **Numerologia**. 1. ed. Rio: Gráfica Record Editora, 1969.

\_\_\_\_\_. **O Homem que Calculava**. 1. ed. Rio: ABC, 1938.

\_\_\_\_\_. **O Jogo do Bicho à luz da matemática**. 1. ed. póstuma. Curitiba: Grafipar, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Juiz. A Noite**, Rio de Janeiro, coluna Contos de mil e uma “Noites”, ano 14, n. 4514, p. 1 (capa), 20 jun. 1924.

VIANNA, R. Malba Tahan. **O Momento**, Caxias do Sul/RS, ano 11, n. 509, p. 1, dez. 1942.